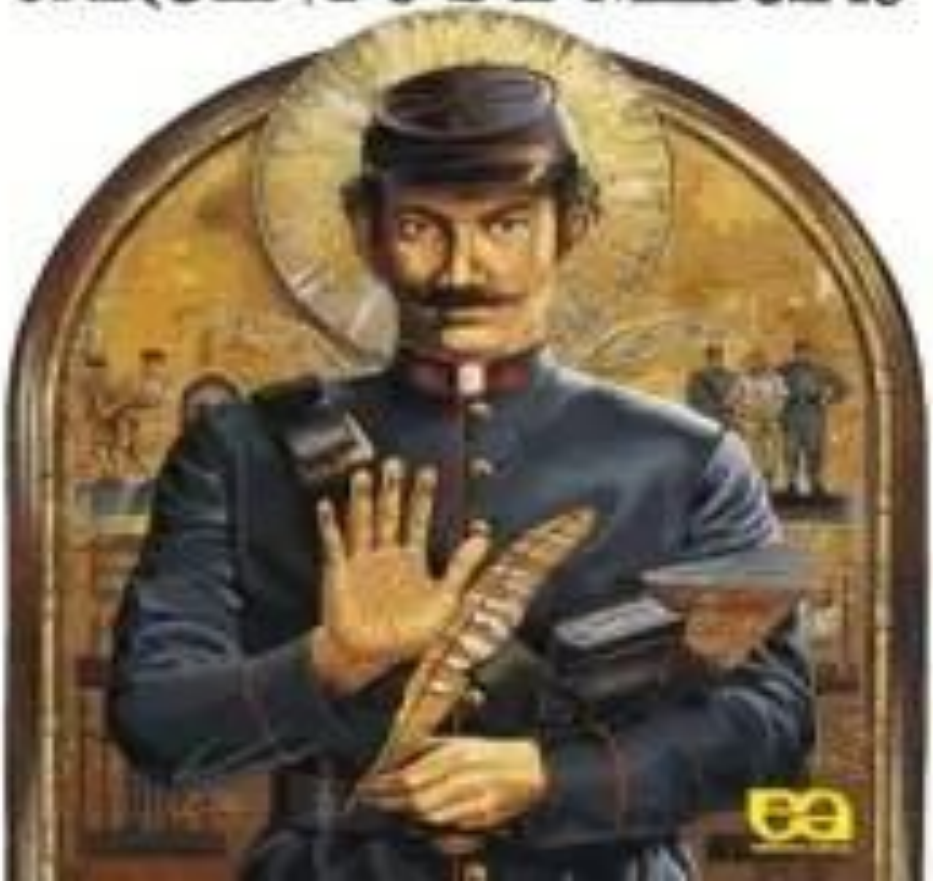
Série Bom Livro

Manuel Antônio de Almeida

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS



Romantismo

"A literatura romântica é a única, ainda, suscetível de ser aperfeiçoada, porque, tendo as suas raízes no nosso próprio solo, é a única que pode crescer e frutificar de novo: ela exprime a nossa religião; ela lembra a nossa história; a sua origem é remota, mas não greco-latina.

A poesia clássica tem de passar pelas reminiscências do paganismo para chegar até nós; a poesia dos germanos é a era cristã das belas-artes: serve-se de nossas impressões pessoais para nos comover: o gênio que a inspira dirige-se diretamente ao nosso coração e parece evocar a nossa própria vida como a um fantasma, o mais poderoso e o mais terrível de todos."

Madame de Staël,
Da Alemanha

***A liberdade guia o povo*, tela de Eugène Delacroix, 1830**

No decorrer da história literária do Ocidente, defrontamo-nos com alguns momentos perturbadores da ordem estética. Funcionando como verdadeiros marcos dentro da história da humanidade, esses períodos criam as condições necessárias, apesar da perplexidade inicial que geralmente os acompanha, para a implantação de mudanças sensíveis no momento histórico vivido. Nesse sentido e ainda dentro de uma perspectiva estética revolucionária, desenvolve-se entre o período final do século XVIII e a primeira metade do século XIX um momento literário que abre ao mundo às portas da contemporaneidade: o Romantismo.

Como todo acontecimento de grande proporção, o Romantismo produz uma série de obstáculos que dificultam a compreensão de sua totalidade. Logo, qualquer tentativa de reduzi-lo a uma mera definição conceitual revela-se, de imediato, insuficiente para determinar os seus vários aspectos. A vaguidade que ronda seu nome, pinçado junto aos romances medievais de aventuras, confere-lhe uma dificuldade a mais. No entanto, em sua essência, podemos dizer que o Romantismo representou a grande resposta estética aos dois principais acontecimentos históricos que introduziram o homem nos tempos modernos: a Revolução Industrial e, principalmente, a Revolução Francesa.

Assim, de um lado, ancorado nas mudanças resultantes desses dois acontecimentos, o homem romântico, consagrado por um sentido de missão, assume uma atitude que se volta, ao mesmo tempo, para a compreensão de suas mais íntimas contradições e também para a concretização do desejo de se constituir na principal voz da nação, buscando no seu próprio passado as raízes do discurso nacionalista.

Por outro lado, além dessa preocupação nacionalista, o Romantismo quebra a uniformidade da razão do classicismo e, em seu lugar, instaura a liberdade plena do indivíduo com sua emoção desejosa de enterrar a contenção clássica. Agora, o sentimento romântico, calcado nessa emoção, embala os sonhos conflituosos que cercam os artistas românticos. É no sonho, lugar em que a realidade se encontra transfigurada, que – segundo o crítico Otto Maria Carpeaux – "*nos é dado o que o dia nos recusa: o mundo mágico da onipotência e dos desejos*".

Romantismo brasileiro

***O massacre de Scio*, tela de Eugène Delacroix, 1830**

1836-1881

O início do Romantismo no Brasil se deu em torno do grupo liderado pelo poeta carioca Gonçalves de Magalhães. A maior preocupação do grupo, ao editar em Paris a *Revista Niteróy*, era a de formular as bases de uma literatura nacional que representasse no plano artístico o mesmo que a independência representou no plano político. A primeira tentativa literária de cunho romântico foi o livro *Suspiros Poéticos* e *Saudades*, do próprio Magalhães, editado em 1836.

No Brasil, a poesia romântica produziu três gerações de poetas:

A primeira, conhecida como *Nacionalista* ou *Indianista* ocupou-se com a consolidação de uma literatura nacional mais voltada aos aspectos locais. Elegendo a natureza tropical e o índio como símbolos da nação brasileira, essa geração teve como principal destaque o poeta maranhense Gonçalves Dias. A segunda geração, conhecida como *Ultra-romântica* ou *do Mal-do-Século* ou, ainda, *Byroniana* ou *Mussetiana* distanciou-se tematicamente da anterior, privilegiando notadamente o subjetivismo, à Byron[1] e à Musset[2]. O grande poeta desse segundo momento romântico foi Álvares de Azevedo. Finalmente, a terceira geração, chamada de *Condoreira* ou *Hugoana* (devido à influência sobre ela exercida pela obra do poeta francês Victor Hugo), assume as questões sociais como tema central e encontra o seu apogeu na vozes dos poetas Castro Alves e Joaquim de Sousândrade.

Com o advento do romance dentro do Romantismo, temos a complementação do programa nacionalista levado a toque de caixa pelos artistas brasileiros. Aqui, em função da necessidade imperiosa de **se exprimir**, o nosso romance, com sua fome de espaço e uma ânsia de apalpar o país, nos deixa como sendo talvez o seu maior legado um universo que consiste, segundo Antonio Candido, "*menos de tipos, personagens e peripécias do que certas regiões tornadas literárias, a seqüência narrativa inserindo-se no ambiente, quase escravizada a ele. Assim, o que vai se formando e permanecendo na imaginação do feitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social*".

Na realidade, o romance, de tonalidade folhetinesca, processa uma radiografia do país e, ciente de suas próprias limitações impostas pela opção nacionalista, produz a expressão de uma realidade tipicamente brasileira, ilustrando assim o seu engajamento na construção de uma nova sociedade.

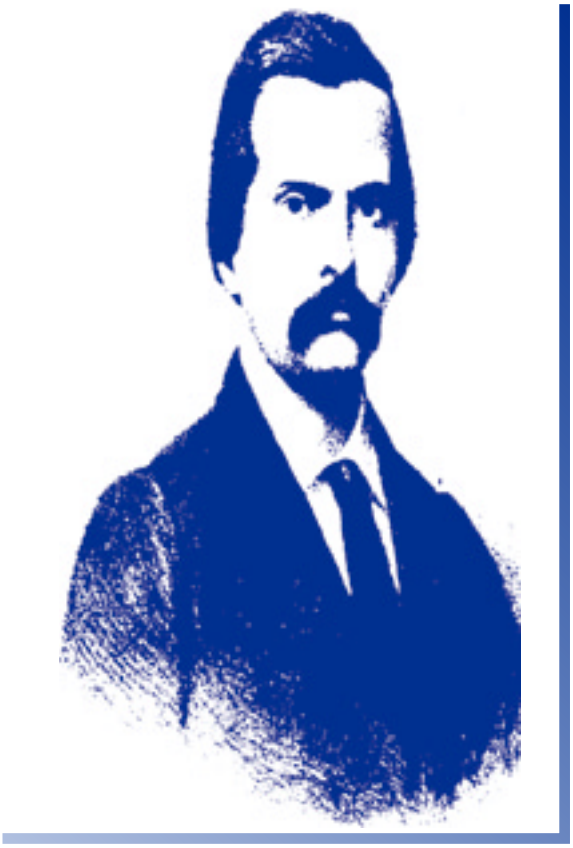
***Natureza morta*, óleo sobre tela de Agostinho da Motta, 1830**

1 Lord Byron (George Gordon – 1788-1824): Poeta inglês cuja poesia exprime sobretudo uma repugnância pela vida e uma extrema melancolia.
2 Alfred de Musset (1810-1857): Poeta francês cuja poesia exprime sobretudo o amor, a dor e a dificuldade de viver.

Memórias de um sargento de milícias

Manuel Antônio de Almeida

Sinopse



Publicado inicialmente no jornal *Correio Mercantil* entre Junho de 1852 e Julho de 1853 na forma de folhetim[1], a história de Manuel Antônio de Almeida alcançou um grande sucesso de público, tanto que, logo depois, ganhou forma de livro em dois volumes: o primeiro, saiu ainda em 1853 e o segundo, em 1854.

Basicamente, no decorrer de seus 48 capítulos, o enredo das *Memórias de um Sargento de Milícias* gira em torno de Leonardo, o primeiro grande malandro da literatura brasileira. Centrando seu foco de atenção nesse personagem principal, Manuel Antônio de Almeida vai compondo um rico painel histórico do Rio de Janeiro no início do século passado, no tempo em que o rei D. João VI, fugindo de Napoleão, instalou no Brasil a corte portuguesa.

Há, por parte dos críticos literários de hoje, uma certa unanimidade em torno das *Memórias*, que aponta o seu caráter ímpar em relação aos demais livros pertencentes ao Romantismo brasileiro. Enquanto a maioria dos autores românticos, "carregando nas tintas", tentava construir uma imagem idealizada que representasse o Brasil no campo das artes; o criador de Leonardo – andando aparentemente à margem dessa preocupação nacional – nos apresenta um livro que, à primeira vista, escapa a essa lógica romântica e pontua alguns problemas do país, colocando esse livro numa posição destoante em relação ao próprio Romantismo.

Num primeiro instante, esse aparente deslocamento temático do livro de Manuel Antônio em relação ao problema da afirmação da nacionalidade, que se apresenta de maneira mais explícita, por exemplo, num José de Alencar, é atenuado se observarmos que nas *Memórias* a questão nacional, antes de estar limitada por um "patriotismo de convenção", privilegia um olhar direto nas relações sociais desenvolvidas por uma classe social que se vê comprimida entre a elite senhorial e a massa de escravos. Ao centrar fogo nesse segmento da sociedade, o autor contribui, à sua maneira, para esse esforço de caracterização dos problemas relacionados à nacionalidade brasileira sem cair nos exageros do compromisso romântico.

Num segundo instante, um dos principais problemas levantados pelo livro foi detectado pelo crítico Antonio Candido no seu famoso estudo sobre as *Memórias*. No final de seu ensaio, chamado "Dialética da Malandragem", o crítico afirma que o livro de Manuel Antônio de Almeida é talvez o único livro em nossa literatura do século XIX que não exprime uma visão de classe dominante.

De fato, podemos dizer que o grande motivo desse livro está centrado nos expedientes usados para a sobrevivência de uma classe social que está posta numa situação intermediária: de um lado, ela se vê despida de qualquer poder de mando, atividade praticamente exclusiva à elite senhorial; e, de outro, se vê distante da noção de trabalho, já que o trabalho era "coisa" de escravo.

1 *folhetim*: o romance na forma de folhetim caracterizava-se pela publicação de um capítulo semanal no suplemento literário dos jornais. O suplemento do jornal *Correio Mercantil*, chamava-se *A Pacotilha*. Esse tipo de publicação alimentava a imaginação dos leitores, cumprindo uma função que hoje é desempenhada pelas novelas de televisão.

O jantar, desenho de Debret, 1808

Colocada diante de tal impasse, essa classe, representada pelo principal personagem do livro, Leonardo, procura meios de fugir a essa situação de instabilidade social. Uma possível saída se apresenta, por exemplo, no instante em que o nosso herói se torna um agregado na casa do Tomás da Sé. Guardadas as devidas proporções, o caráter simbólico da aceitação de Leonardinho como agregado traduz uma prática comum no funcionamento da sociedade brasileira do século passado.

A condição de agregado, ou seja, de uma pessoa que sem vínculos de sangue passa a viver às custas de uma outra família, é sustentada em cima da relação de *favor*. Essa realidade mediada pelo *favor* implica uma atitude inclusive de submissão em relação à família que recebe o agregado. Se no caso do nosso personagem, essa relação é logo desfeita por uma intriga que o conduz à prisão; no caso, por exemplo, de um José Dias, de *Dom Casmurro*, essa relação é exemplar já que o agregado, como afirma o narrador machadiano, *"tinha o dom de se fazer aceito e necessário; dava-se por falta dele, como de pessoa da família*" e, ao mesmo tempo, *"sabia opinar obedecendo"*.

Se, de um lado, o *favor* é uma característica marcante do livro, como atesta o próprio narrador das *Memórias* ao afirmar que *"já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco, eram uma mola real de todo o movimento social"*, por outro, há um aspecto importante ligado essencialmente ao estilo desenvolvido por Manuel Antônio de Almeida nesse livro. Tal estilo se traduz no tom popular que reveste a linguagem do livro despida do tradicional tom elevado da literatura romântica. Podemos ainda perceber um nítido direcionamento da linguagem no sentido da descrição de cenas e costumes (festas, procissões, etc.) que povoam a cultura dessa "classe social intermediária". Mediado pelo estilo coloquial e direto que recupera o Português popular da época, esse aspecto popularizante contribui para dar ao livro um tom de crônica jornalística que o afasta ainda mais do universo mental das elites senhoriais brasileiras.

Vejamos mais de perto o enredo das *Memórias*, acompanhado as principais peripécias desse primeiro herói malandro:

Vista do morro de Santo Antonio, tela de Nicolas Taunay, Rio de Janeiro, 1816

Resumo do enredo

Cenas de carnaval, desenho de Debret, 1808

O livro se inicia informando o leitor sobre a origem, o nascimento e o batismo de Leonardo. O nosso herói é fruto da relação entre o português Leonardo-Pataca, que aqui se tornaria meirinho[2], e Maria da hortaliça, *"saloia[3] rechonchuda"*. Os dois se conheceram no navio que os trazia de Portugal para o Brasil. Desse encontro, depois de uma *"pisadela e um beliscão"*, Maria deu à luz, sete meses mais tarde, a um *"formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão"*. Passado algum tempo, resolveram batizar o garoto, a madrinha foi a parteira e o padrinho foi o barbeiro.

Aos 7 anos, o nosso herói conhece os seus primeiros infortúnios[4]: a mãe foge de casa com o amante, o capitão do navio em que tinham vindo de Portugal; o pai o abandona com o compadre barbeiro.

Nos primeiros tempos na casa do padrinho, Leonardinho se comportou bem, mas com o aumento natural da familiaridade entre ele e o barbeiro, o nosso herói *"começou a pôr as manguinhas de fora"*. Afeiçoado ao afilhado, *"até nas próprias travessuras (...) achava o bom do homem muita graça"*. Preocupado com o futuro do menino, pensou em mandá-lo para Coimbra, mas depois resolveu transformá-lo em clérigo[5], por isso, desde cedo, preocupou-se em ensinar-lhe logo o bê-a-bá.

Enquanto o compadre se preocupava com a educação do menino, Leonardo-Pataca resolve ir na casa de um "caboclo velho" que tinha por ofício *"dar fortuna"*, isto é, ler a sorte. A razão de tal visita se devia ao fato de Pataca, agora apaixonado por uma cigana, querer que o velho fizesse um "trabalho" para que esta, a exemplo da primeira, não o traísse. Marcada a cerimônia para a meia-noite, o velho e Leonardo, *"em hábitos de Adão no paraíso"*, são surpreendidos pela chegada do major Vidigal e seus soldados. *"O major Vidigal era o rei absoluto; (...) era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos"*. No fim das contas, Leonardo acabou sendo preso e recolhido à casa da guarda, onde ficou *"exposto à vistoria dos curiosos"*.

A libertação de Leonardo-Pataca da prisão se deu a partir de um favor: o pai de nosso herói pediu à comadre que fosse conversar com um velho militar da guarda do rei. Esse homem entra na história porque tinha um filho que na mocidade seduziu a primeira mulher de Leonardo, Maria. Assim, como forma de remediar a situação do filho, o velho militar procurou *"fazer o que pudesse por ela para satisfazer todos os seus escrúpulos de pai honrado"*, já que tinha convencido Maria a não se casar com seu filho. *"Nunca porém teve ocasião de exercer a sua boa vontade diretamente para com ela"*, mas com Leonardo. Desse modo, foi assim que por intermédio da comadre, Leonardo-Pataca se dirigiu ao velho tenente-coronel e conseguiu sua liberdade.

Antes de voltarmos ao nosso herói, vejamos a história do padrinho, ou melhor, de como ele *arranjou-se na vida*. Num determinado dia, o barbeiro conseguiu se empregar num navio negreiro e como tinha alguns conhecimentos médicos conseguiu curar dois marinheiros que adoeceram. Com a cura, ganhou o respeito de todos e foi promovido de oficial barbeiro para médico. Numa das viagens, o capitão, de quem se tornara muito amigo, adoeceu e *"chamou-o à parte, e em segredo lhe fez entrega de uma cinta de couro e uma caixa de pau pejadas[6] de um bom par de doblas[7] em ouro e prata, pedindo que fielmente as fosse entregar, apenas chegasse à terra, a uma filha sua, cuja morada lhe indicou.(...) Poucas horas depois expirou"*. No entanto, *"o compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez"*.

Voltemos ao Leonardo que, a essa altura dos acontecimentos, se esforçava para aprender o alfabeto: depois de ter empacado no F, agora o menino se achava no

2 *meirinho*: antigo funcionário judicial, correspondente ao oficial de justiça de hoje.
3 *saloia*: camponesa das cercanias de Lisboa; aldeã, grosseira.
4 *infortúnio*: infelicidade, desgraça, desventura.
5 *clérigo*: sacerdote cristão, padre.
6 *pejada*: cheia.
7 *dobla*: antiga moeda portuguesa.
8 *palmatória*: pequena peça de madeira e com um cabo, a qual servia, nas escolas, para castigar as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão.

P e o *"padrinho andava contentíssimo com este progresso"*. Assim, o barbeiro resolveu colocá-lo na escola. Logo no primeiro dia, o nosso herói conheceu a palmatória[8] do seu professor e decidiu-se a não voltar mais. No entanto, e "*à custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino freqüentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda pior"*.

Uma das diversões preferidas pelo nosso herói era a de gazetear aulas, isto é, "matar aulas". Quando isso se tornou um hábito, ele foi apelidado por seus companheiros de gazeta-mor. O lugar mais visitado por Leonardo, quando de suas escapadas da escola, era a igreja da Sé. Logo se tornou amigo do sacristão, que era *"boa peça"*. Como o padrinho recomeçou a acompanhá-lo na ida à escola, Leonardo, para se livrar desta, pede-lhe que o fizesse sacristão: *"tantas foram as rogativas e argumentos do pequeno, que (*o padrinho*) se viu obrigado a ceder. O menino tinha nisso duas enormes vantagens; satisfazia seus desejos e saía da escola"*.

Entretanto, a vida religiosa de Leonardo não durou muito tempo em função de algumas malandragens cometidas em conjunto com o amigo sacristão. Depois de se vingar de uma vizinha do compadre, derrubando cera derretida nas costas da mulher, o nosso herói e seu amigo prepararam uma vingança contra o padre que dirigia o cerimonial da missa, pois este, em função do caso com a vizinha, passou o maior sermão nos dois meninos. O mestre-de-cerimônia era sempre o responsável pelo sermão principal nas festas religiosas e, além disso, o padre também cometia os seus "pecadilhos", pois tinha uma relação com uma certa pessoa que era nada mais nada menos que a cigana, ex-amante de Leonardo-Pataca, com quem o padre *"vivia há certo tempo em estreitas relações, salvando, é verdade, todas as aparências da decência"*. Quando chegou o dia de uma das primeiras festas religiosas, o padre combinou com os meninos que estes deveriam avisá-lo, na casa da cigana, da hora em que ele faria o sermão. Obviamente, que os garotos aprontaram uma, informando-lhe o horário errado. Quando o padre chegou para fazer o seu sermão com uma hora de atraso, armou-se a confusão e a vida religiosa do nosso herói conheceu o seu fim.

Após essas histórias de travessuras de criança, Leonardinho cresceu e, para desgosto do padrinho que queria vê-lo em Coimbra, *"constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-tipo"*.

De vez em quando, Leonardo acompanhava o padrinho em visitas à casa de D. Maria. Essa mulher era uma rica que além de ter um bom coração e ser *"devota e amiga dos pobres, (...) tinha um dos piores vícios daquele tempo e daqueles costumes: era a mania das demandas[9]"*. A última em que se envolvera fora um processo em torno da tutela de uma sobrinha.

Como já dissemos, o nosso herói tinha crescido e mais que isso "*havia, pois, chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por quê, se sonha umas poucas noites seguidas, e cujo nome se acode continuadamente a fazer cócegas nos lábios"*. Pois bem, Leonardo apaixona-se por Luisinha, a tal sobrinha de D. Maria.

O amor de Leonardo por Luisinha ainda mal se configurava, quando, numa das visitas à casa de D. Maria, o padrinho e o afilhado são surpreendidos pela presença de um "personagem estranho". O homem chamava-se José Manuel e "*quem olhasse para a cara do Sr. José Manuel assinava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos[10] de quilate. E quem tal fizesse não se enganava de modo algum; o homem era o que parecia ser. Se tinha alguma virtude, era a de não enganar pela cara"*. Assim, foi o instinto que fez com que Leonardo visse nele um inimigo. *"Afinal o negócio aclarou-se. D. Maria era, (...), rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha; se morresse D. Maria, Luisinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse, como José Manuel, em disponibilidade; este pois fazia a corte à velha com intenções na sobrinha"*.

Diante da aflição de Leonardo, o padrinho, vendo que o afilhado se tornou um homem, *"enxergava na sobrinha de D. Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz"*. Assim, ele resolveu contar o caso à comadre, na esperança de que esta ajudasse o nosso herói. Esta, por sua vez, começa imediatamente a pensar numa maneira de tirar José Manuel do caminho de Leonardo. Valendo-se então de um escândalo que ocorrera naqueles dias em que uma jovem rica tinha fugido de casa com um desconhecido, levando *"uma boa porção de peças de ouro"*, a comadre diz à D. Maria que o "desconhecido" era, na verdade, José Manuel.

9 *demanda*: ação judicial, processo, litígio.
10 *velhaco*: que engana de propósito ou por má índole.

Pouco tempo depois que a comadre executou o seu plano de intriga, o próprio José Manuel apareceu na casa de D. Maria e após ser mal recebido *"saiu completamente corrido e cismando em quem poderia ter sido o autor de semelhante intriga*". De qualquer modo, José Manuel tentou reverter a situação, procurando o mestre-de-reza de D. Maria. Este era um velho cego e, além de ensinar a rezar, tinha *"a fama de bom arranjador de casamentos"*.

Enquanto a disputa por Luisinha se dava, um novo infortúnio veio mudar a vida de nosso herói: o padrinho caiu doente e pouco depois morreu. Como era um homem previdente, o barbeiro instituiu o afilhado como seu herdeiro universal, deixando-lhe uma boa soma de dinheiro. *"A comadre informou de semelhante coisa ao Leonardo-Pataca, e este apresentou-se para tomar conta de seu filho"*. A essa altura da vida, Leonardo-Pataca já era um homem mais sossegado e estava casado com a filha da comadre, Chiquinha, com quem tinha uma filha. No entanto, o sossego na casa não durou muito; Chiquinha começou a implicar com o filho adotivo, e este não simpatizara muito com ela. O desentendimento entre ambos chegou a tal ponto que Leonardo, de novo, foi expulso de casa pelo pai.

Andando desnorteado e apressadamente pelas ruas, Leonardo só parou ao se deparar com um grupo de rapazes e moças que festejavam e cantavam. Não querendo se intrometer em festa alheia, o nosso herói já ia saindo, quando reconheceu, entre os rapazes, o menino que, junto com ele, fora sacristão na Sé. Também chamou a atenção de Leonardo uma mulata, Vidinha, que era uma excelente cantora de modinha.

Assim, Leonardo foi acolhido naquele grupo que era formado por três homens e três mulheres, os homens eram irmãos e primos das mulheres que também eram irmãs. Levado para a casa do grupo, o nosso herói "*agora não via senão os olhos negros e brilhantes, e os alvos dentes de Vidinha; não ouvia senão o eco da modinha que ela cantara. Estava pois embebido num êxtase contemplativo"*. Em suma, Leonardo estava decididamente apaixonado agora pela mulata. O amigo de Leonardo, Tomás da Sé, *"declarou que o seu amigo ficava ali por aquela noite, por já ser muito tarde"*.

Enquanto o nosso herói, em vez de ficar uma noite, acabou ficando não somente semanas como também foi convenientemente arranjado enquanto agregado[11] na casa de Tomás da Sé, o mestre-de-reza conseguiu convencer D. Maria da inocência de José Manuel no episódio do escândalo. Desse modo, ficou fácil para que este pedisse Luisinha em casamento. *"Ora, como sabem todos (...), o Leonardo tinha abandonado Luisinha; ela aceitou portanto indiferentemente a proposta de sua tia."*

Morando na casa de Vidinha, *"Leonardo passava vida completa de vadio, metido em casa todo o santo dia, sem lhe dar o menor abalo o que se passava lá fora pelo mundo. O seu mundo consistia unicamente nos olhos, nos sorrisos e nos requebros de Vidinha"*. Um dia, resolveram fazer outra patuscada[12] semelhante à que dera origem ao relacionamento de Leonardo com a família. Qual não foi a surpresa quando, logo ao chegarem ao lugar determinado, aparece o célebre major Vidigal. Denunciado pelos primos de Vidinha, Leonardo é levado preso por vadiagem: *"Ele não fez e nem faz nada* – disse Vidigal –*; mas é mesmo por não fazer nada que isto lhe sucede"*.

No caminho para a Casa da Guarda, Leonardo, aproveitando-se de um grande alarido[13] na rua, desatou a correr sem que houvesse qualquer possibilidade de Vidigal ou de seus soldados o deterem. Assim que se achou seguro, o nosso herói voltou para casa de Vidinha. Nesse meio tempo, a comadre fora à Casa da Guarda tentar interceder por Leonardo sem saber que este já tinha fugido. Logo que soube da notícia, ela encaminhou-se também para a casa de Vidinha. Depois do costumeiro sermão da comadre sobre a necessidade de Leonardo arranjar uma ocupação, a própria madrinha colocou-se em atividade *"e poucos dias depois entrou ela muito contente, e veio participar ao Leonardo que lhe tinha achado um excelente arranjo, (...); era o arranjo de servidor na* ucharia[14] *real"*.

No entanto, a promissora carreira de nosso herói logo se complicou, não porque alguém poderia *"notar em casa de Vidinha uma certa fartura desusada na despensa*", mas sim porque Leonardo se meteu com

11 *agregado*: aquele que vive numa família sem, no entanto, pertencer à ela por laços de sangue.
12 *patuscada*: ajuntamento festivo de pessoas para comer e beber; farra.
13 *alarido*: clamor de vozes, gritaria, algazarra, celeuma.
14 *ucharia*: despensa, especialmente para carnes, nas casas reais ou casas abastadas.

uma moça, amante de um colega de trabalho. No final das contas, após apanhar do tal colega, Leonardo foi despedido.

E além de ser despedido, teve que suportar um violento ataque de ciúmes de Vidinha que ainda se insinua para o ex-companheiro de trabalho do nosso herói. Se isso não bastasse, Leonardo não só é preso novamente pelo major Vidigal como ainda é transformado por este último em granadeiro, isto é, em soldado.

Mesmo na condição de soldado e, teoricamente, de defensor da lei, o nosso herói não deixou de aprontar várias das suas malandragens com o major. Na principal delas, alerta Teotônio, um bicheiro que também era um grande cantor, de uma cilada que estava sendo armada pelo Vidigal. Com a fuga do malandro e a descoberta da cumplicidade de Leonardo por parte de Vidigal, o nosso herói foi mandado de volta à prisão.

Ao saber da prisão do afilhado, a comadre tenta libertá-lo. Diante da negativa inicial do major, ela procura D. Maria. As duas, por sua vez, se dirigem à casa de uma terceira mulher, Maria Regalada, ex-amante do major. Por intermédio desta, Leonardo não só foi libertado como também foi promovido a sargento de milícias.

Finalmente, Leonardo reencontra Luisinha, que ficara viúva de José Manuel. *"Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto."*

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de sargento de milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

"Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final."

Personagens

Praticamente, toda a história de *Memórias de um Sargento de Milícias* se constrói em torno de um único personagem principal: Leonardo. Vejamos algumas de suas principais características:

Leonardo

Vadio por convicção, ele inaugura dentro da literatura brasileira uma espécie de linhagem malandra que terá em *Macunaíma*, de Mário de Andrade[15], o seu apogeu. Como bem escreve a professora Berta Waldman, visto como o protagonista principal das *Memórias* e vagabundo inverterado, Leonardo *"vai encontrando seu caminho aplainado pelos outros, jogando apenas com sua simpatia*". Desse modo, transitando naturalmente entre o certo e o errado assim como todos os personagens do livro, Leonardo não é bom nem mau e assim vai se encaixando bem no seu papel de anti-herói romântico.

Além de Leonardo, existem outros personagens de caráter secundário que merecem também ser mencionados. É interessante ainda destacarmos que esses personagens são nitidamente caricatos, ou seja, não possuem um grau maior de aprofundamento psicológico e alguns ainda são denominados em função da sua representação social: o barbeiro, a comadre, o mestre-de-reza, etc. Vejamos mais de perto esses personagens:

Leonardo-Pataca

O pai de Leonardo é um meirinho, isto é, um oficial de justiça. Sua vida é notadamente marcada por uma série de confusões resultantes de suas relações amorosas: inicialmente com Maria da Hortaliça, mãe de Leonardo, depois com uma cigana e, finalmente, com Chiquinha, filha da comadre, com quem ainda teve uma filha.

Major Vidigal

O major era uma espécie de representante maior da própria lei: *"ele resumia tudo em si; a sua* justiça *era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas"*.

Comadre

"vivia do ofício de parteira, que adotara por curiosidade". Além disso, ela assume uma postura de protetora, estando sempre pronta para intervir em favor de Leonardo.

Compadre

Assim como a comadre, o compadre, que era barbeiro, é o responsável pela criação de Leonardo. Entre os dois se estabeleceu uma afetividade mútua.

D. Maria

Velha rica que tinha um bom coração e era amiga dos pobres. Tinha uma estranha mania de gostar de demandas judiciais que eram *"o alimento de sua vida"*.

Luisinha

Sobrinha de D. Maria e primeiro amor de Leonardo. Casa-se com ele no final da história.

José Manuel

Marido de Luisinha, com quem se casou por interesse.

15 *Mário de Andrade* (1893-1945): Escritor paulista e principal líder do movimento modernista no Brasil.

Vidinha

Mulata por quem Leonardo se apaixona. Além de ser bonita, ela era uma excelente cantora de modinha.

Maria da hortaliça

Mãe de Leonardo, caracteriza-se sobretudo por ser muito namoradeira.

Chiquinha

Terceira mulher de Leonardo-Pataca, é filha da comadre e não gosta do filho de seu marido.

Maria Regalada

Amante do major Vidigal. É ela que consegue a libertação de Leonardo.

No famoso texto, "Dialética da Maladragem", que escreveu sobre as *Memórias de um Sargento de Milícias*, o professor Antonio Candido afirma que há um mecanismo próprio regedor das vidas de todos os personagens do livro e que *"diversamente de quase todos os romances brasileiros do século 19, (...), as Memórias criam um universo que parece liberto do peso do erro e do pecado"*. Em outras palavras, *"as pessoas fazem coisas que poderiam ser qualificadas como reprováveis, mas fazem também outras dignas de louvor, que as compensam*". Assim o fato, por exemplo, de o padrinho roubar o dinheiro do capitão é atenuado por empregar os tais recursos na educação de Leonardo. Dessa maneira, todos os personagens do livro de Manuel Antônio de Almeida vivem baseados numa lei de compensações, que lhes retira a culpabilidade dos atos condenáveis ao realizarem ações consideradas boas.

Foco narrativo

Do mesmo modo que a temática do livro, o narrador das *Memórias* também destoa do típico narrador romântico. Tendo seu foco narrativo centrado na *terceira pessoa*, o narrador desse livro se diferencia sobretudo no olhar crítico e humorístico com que descreve as cenas, as pessoas e os costumes do Rio de Janeiro no início do século passado.

Vejamos, por exemplo, no trecho abaixo, como o narrador, sempre apoiado num tom humorístico, descreve criticamente alguns militares portugueses que tinham a "honra" de serem empregados reais. Perceba que o narrador não perde a chance de zombar explicitamente daqueles servidores:

Ainda hoje existe no saguão do paço imperial, que no tempo em que se passou esta história se chamava palácio del-rei, uma saleta ou quarto que os gaiatos e o povo com eles denominavam *o Pátio dos Bichos*. **Este apelido lhe fora dado em conseqüência do fim para que ele então servia: passavam ali todos os dias do ano três ou quatro oficiais superiores, velhos incapazes para a guerra e inúteis na paz, que o rei tinha a seu serviço não sabemos se com mais alguma vantagem do soldo[16], ou se só com mais a honra de serem empregados no real serviço. Bem poucas vezes havia ocasião de serem eles chamados por ordem real para qualquer coisa, e todo o tempo passavam em santo ócio, ora mudos e silenciosos, ora conversando sobre coisas do seu tempo, e censurando as do que com razão já não supunham seu, porque nenhum deles era menor de 60 anos. Às vezes, acontecia adormecerem todos ao mesmo tempo, e então com a ressonância de suas respirações passando pelos narizes atabacados[17], entoavam um quarteto, pedaço impagável, que os oficiais e soldados que estavam de guarda, criados e mais pessoas que passavam, vinham apreciar à porta.**
(Capítulo VIII - O Pátio dos Bichos)

Outra marca significativa do narrador se encontra no fato de este, por vários momentos durante a narrativa, mudar o foco narrativo das *Memórias* da *terceira pessoa* para a *primeira pessoa do plural*, tentando, dessa forma, enredar o leitor na própria história, de maneira a estabelecer com ele uma maior intimidade:

Dadas as explicações do capítulo precedente, voltemos ao nosso memorando, de quem por um pouco nos esquecemos. Apressemo-nos a dar ao leitor uma boa notícia: o menino desempacara do F, e já se achava no P, onde por uma infelicidade empacou de novo.
(Capítulo XI - Progresso e Atraso)

A mobilidade com que o narrador atravessa a narrativa nos permite pensar que, de certo modo, esse narrador antecipa algumas posturas narrativas que encontrarão, um pouco mais tarde, o seu apogeu na veia crítica e irônica de Machado de Assis, sobretudo se pensarmos na volubilidade do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

16 *soldo*: quantia básica, de referência, para pagamento de militar.
17 *atabacado*: da cor de tabaco.

Tempo e espaço

O aspecto temporal das *Memórias* é nitidamente demarcado já no início do livro, quando o narrador, ao abrir a história, afirma que esta se passa no tempo do rei, isto é, no começo do século passado, momento em que a corte portuguesa, perseguida por Napoleão, se transfere para o Rio de Janeiro. Uma outra característica importante do tempo nas *Memórias* é o momento presente em que se situa o narrador. Esse momento, provavelmente meados do século passado, permite ao narrador estabelecer, em várias passagens da narrativa, comparações diretas entre os dois tempos. Vejamos, por exemplo, como isso acontece quando o narrador se refere à festa do Espírito Santo. Podemos perceber nitidamente no trecho grifado a comparação entre o passado e o presente:

Era esse dia domingo do Espírito Santo. Como todos sabem, a festa do Espírito Santo é uma das festas prediletas do povo fluminense. Hoje mesmo que se vão perdendo certos hábitos, uns bons, outros maus, ainda essa festa é motivo de grande agitação; longe porém está o que agora se passa daquilo que se passava nos tempos a que temos feito remontar os leitores.
(Capítulo XIX - Domingo do Espírito Santo)

Do ponto de vista espacial, a ação do livro se restringe ao Rio de Janeiro. Mas, num estudo introdutório ao livro, a professora Eliane Zagury afirma que *"ao contrário de seus contemporâneos que, descrevendo a vida do Rio de Janeiro, enobreciam-na com véus de retórica ou com a omissão de tudo o que não significasse a elite e o bom gosto, Manuel Antônio de Almeida nos faz conviver com todas as classes sociais em inter-relação e com costumes bons ou maus – descreve todas as indumentárias, de gala ou não, que possam significar vivência social; todas as festas de rua, de igreja e de família".* Essa particularidade das *Memórias* nos dá outro indício de seu caráter ímpar em relação ao Romantismo brasileiro, ou seja, a sua preocupação documental antecipa também alguns traços ligados ao Realismo. Observemos, por exemplo, a descrição do "Rancho das Baianas"– um cortejo de mulheres negras que sempre abriam a procissão da Quaresma:

As chamadas Baianas não usavam de vestido; traziam somente umas poucas de saias presas à cintura, e que chegavam pouco abaixo do meio da perna, todas elas ornadas de magníficas rendas; da cintura para cima apenas traziam uma finíssima camisa, cuja gola e mangas eram também ornadas de renda; ao pescoço punham um cordão de ouro ou um colar de corais, os mais pobres eram de miçangas; ornavam a cabeça com uma espécie de turbante a que davam o nome de *trunfas*, formado por um grande lenço branco muito teso e engomado; calçavam umas chinelinhas de salto alto, e tão pequenas, que apenas continham os dedos dos pés, ficando de fora todo o calcanhar; e além de tudo isto envolviam-se graciosamente em uma capa de pano preto, deixando de fora os braços ornados de argolas de metal simulando pulseiras.
(Capítulo XVII - D. Maria)

Um funcionário a passeio com sua família, desenho de Debret, 1808

Linguagem

Nas *Memórias de um Sargento de Milícias*, a linguagem se constitui num aspecto essencial que, a sua maneira, reforça a tese de que esse romance se inscreve na contramão do Romantismo brasileiro. Marcado sobretudo por um estilo coloquial[18] e amparado no olhar jornalístico do autor sobre o Rio de Janeiro, o livro, segundo Eliane Zagury, *"é a documentação da língua falada na época. Seus diálogos, ao contrário dos outros de escritores seus contemporâneos, não sofrem nenhum amaneiramento, impondo-se por um coloquial filtrado e pitoresco"*.

Em suma, não há nas *Memórias* aquele tom derramado característico do Romantismo, mas, ao contrário, há, pensando-se numa dimensão mais realista, um tom marcadamente humorístico que, ao apoiar-se na oralidade, contribui para configurá-lo enquanto um dos precursores do moderno romance brasileiro.

Vejamos mais de perto dois fragmentos do livro que atestam isso: no primeiro, Leonardo-Pataca contrata um valentão, Chico Juca, para acabar com uma festa na casa da cigana, observe o tom coloquial do diálogo e a incorporação de gírias da época:

Estava [Chico Juca] na porta da taverna sentado sobre um saco quando apareceu-lhe Leonardo.

— Olá, mestre pataca! disse ele apenas o viu, pensei que ainda estava de xilindró[19] tomando fortuna por causa da cigana...

— É mesmo por causa desse diabo que te venho procurar.

— Homem, cabeçada e murro velho sei eu dar, porém fortuna! nunca tive tal habilidade...

— Não se trata de fortuna, disse-lhe o Leonardo baixinho, trata-se de pancada velha...

— Ui! temos dança?... vai te embora... tu não és capaz de armar um *sarilho*[20] ...sempre foste um podre!

— Bem sei, eu não sou capaz... mas tu... tu que és mestre disto...

— Eu.. então por que diabo e onde queres tu que eu arme esse *sarilho*?...

— Não te hás de arrepender, disse o Leonardo batendo significativamente com os dedos no bolso do colete.

(Capítulo XV - Estralada)

no segundo, o narrador descreve a sobrinha de D. Maria, Luisinha. Perceba que, ao contrário da dimensão idealizada das heroínas românticas, a moça é descrita de maneira não muito atrativa e chega a provocar em Leonardo uma vontade de rir:

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dois, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira.

(Capítulo XVIII - Amores)

18 *estilo coloquial*: uso de vocabulário e sintaxe bem próximos da linguagem cotidiana.
19 *xilindró*: cadeia.
20 *sarilho*: confusão, briga.
21 *algibebe*: aquele que fabrica e vende roupas de tecido ordinário.

Biografia & obras

Manuel Antônio de Almeida **(***1831/1861***)** - Nasceu no Rio de Janeiro. De origem humilde, órfão de pai aos dez anos de idade, teve uma infância muito sofrida. Freqüentou aulas de desenho na Academia de Belas-Artes e fez curso regular de Medicina. Trabalhou em jornalismo como revisor e redator do *Correio Mercantil*, onde saíram em folhetim as suas *Memórias de um Sargento de Milícias*. Mais tarde, foi nomeado administrador da Tipografia Nacional, onde teve um funcionário um pouco relapso mas muito interessado em leituras e a quem protegeu como amigo: Machado de Assis. Exerceu também o cargo de oficial de secretaria do Ministério da Fazenda. Faleceu num naufrágio, junto à Ilha de Santana.

Obras

Romance: Memórias de um Sargento de Milícias (1853/54)
Teatro: Dois Amores (1861)

Textos para leitura

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo algibebe[21] em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. Aqui chegando, não se sabe por proteção de quem, alcançou o emprego de que o vemos empossado [meirinho], e que exercia, como dissemos, desde tempos remotos. Mas viera com ele no mesmo navio, não sei fazer o quê, uma certa Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonitota. O Leonardo, fazendo-se justiça, não era nesse tempo de sua mocidade mal apessoado, e sobretudo era maganão[22]. Ao sair do Tejo, estando a Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isto uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia de namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem desta vez um pouco mais fortes; e no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares, que pareciam sê-lo de muitos anos.

Quando saltaram em terra, começou a Maria a sentir certos enojos: foram os dois morar juntos: e daí a um mês manifestaram-se claramente os efeitos da pisadela e do beliscão; sete meses depois teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão; o qual, logo depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

(Capítulo I - Origem, Nascimento e Batismo)

Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por quê, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuadamente a fazer cócegas nos lábios. (....)

Depois de mais algumas palavras trocadas entre os dois, D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Trajava nesse dia um vestido de chita roxa muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça.

Por mais que o compadre a questionasse, apenas murmurou algumas frases ininteligíveis com voz rouca e sumida. Mal a deixaram livre, desapareceu sem olhar para ninguém. Vendo-a ir-se, Leonardo tornou a rir-se interiormente.

Quando se retiraram, riu-se ele pelo caminho à sua vontade. O padrinho indagou a causa da sua hilaridade; respondeu-lhe que não se podia lembrar da menina sem rir-se.

— Então lembras-te dela muito a miúdo, porque muito a miúdo te ris.

Leonardo viu que esta observação era verdadeira.

Durante alguns dias umas poucas de vezes falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por quê, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

Saíram e encaminharam-se para o seu destino.

(Capítulo XVIII - Amores)

22 *maganão*: divertido, jovial, malicioso.

Passaram-se assim algumas semanas: Leonardo, depois de acabadas todas as cerimônias, foi declarado agregado à casa de Tomás da Sé, e aí continuou convenientemente arranjado. Ninguém se admire da facilidade com que se faziam semelhantes coisas; no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando nada havia mais comum do que ter cada casa um, dois e às vezes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas eram em maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar os frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos dois casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo?

(Capítulo XXXIII - O Agregado)

O segredo que a Maria Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major.

Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, que fora ao ponto de, não só disfarçar e obter o perdão de todas as suas faltas, como de alcançar-lhe aquele rápido acesso de posto.

Fica também explicada a presença do major em casa da Maria Regalada.

Depois disto entraram todos em conferência. O major desta vez achou o pedido muito justo, em conseqüência do fim que se tinha em vista. Com a sua influência tudo se alcançou: e em uma semana entregou ao Leonardo dois papéis: — um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de sargento de milícias.

Além disto recebeu o Leonardo ao mesmo tempo carta de seu pai na qual a chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

.....

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de sargento de milícias, recebeu-se na Sé com Luisinha, assistindo à cerimônia a família em peso.

Daqui em diante aparece o reverso da medalha. Seguiu-se a morte de D. Maria, a do Leonardo-Pataca, e uma enfiada de acontecimentos tristes que pouparemos aos leitores, fazendo aqui ponto final.

(Capítulo XLVIII - Conclusão Feliz)

Bibliografia

Almeida, Manuel Antônio de - *Memórias de um Sargento de Milícias* - Edição Crítica de Cecília Lara - RJ, LTC, 1978.

Memórias de um Sargento de Milícias - SP, Ática, 16ª Edição, 1989.

Assis, Machado - *Dom Casmurro* - RJ, Jackson, 1946.

Bosi, Alfredo - *História Concisa da Literatura Brasileira* - SP, Cultrix, 3ª Edição, 1987.

Broca, Brito - *Românticos*, *Pré-românticos*, *Ultra-românticos*: *vida literária e romantismo brasileiro* - SP/Brasília, Polis/INL, 1979.

Campedelli, Samira Y. & Junior, Benjamin A. - *Tempos da Literatura Brasileira* - SP, Ática, 2ª Edição, 1986.

Moisés, Massaud - *Dicionário de Termos Literários* - SP, Cultrix, 5ª Edição, 1988.

Moisés, Massaud & Paes, José Paulo (org.) - *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira* - SP, Cultrix. 3ª Edição, 1987.

Waldman, Berta - "O romântico fruto de uma pisadela e de um beliscão". Em *Memórias de um Sargento de Milícias* - Manuel Antônio de Almeida - SP, FTD, 2ª Edição, 1993.

Exercícios

1. (PUC - RS) A vida carioca na época de....é retratada com vivacidade, de maneira intencionalmente....., numa linguagem....., em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

a) Mém de Sá - histórica - desalinhada
b) Duarte Coelho - biográfica - retórica
c) D. Maria I - folhetinesca - pedante
d) D. João VI - humorística - simples
e) D. Pedro I - sentimental - popular

Leia com atenção o texto abaixo para responder às questões 2 e 3:

"O Leonardo abandonara de uma vez para sempre a casa fatal onde tinha sofrido tamanha infelicidade; nem mesmo passara mais por aquelas alturas; de maneira que o compadre por muito tempo não lhe pôde pôr a vista em cima.

O pequeno, enquanto se achou novato em casa do padrinho, portou-se com toda a sisudez e gravidade; apenas porém foi tomando mais familiaridade, começou a pôr as manguinhas de fora."

(Manuel Antônio de Almeida)

2. (Fuvest) Dê o título do romance do qual se extraiu o texto acima. Por que o romance tem esse título?

3. (Fuvest) Cite, além dos referidos no texto, dois outros personagens do romance.

4. Explique o mecanismo social que rege a vida dos personagens das *Memórias de um Sargento de Milícias*.

Respostas

1. D

2. *Memórias de um Sargento de Milícias***.** O livro tem este título porque narra a vida e as peripécias de Leonardinho até este tornar-se sargento de milícias.

3. Luisinha, Major Vidigal, Vidinha, José Manuel, D. Maria, etc.

4. O mecanismo que envolve os personagens de *Memórias de um Sargento de Milícias* é explicado a partir do favor, ou seja, muito mais que qualquer mérito em si, as pessoas sobretudo se "arranjam" na vida através desse expediente.